



Veredas Atemática

VOLUME 16 nº 2 - 2012

Ruptura não, linkagem sim: o hipertexto e as enunciações na web

Júlio Araújo (Hiperged/UFC)*
Vicente de Lima-Neto (Hiperged/UESPI)**

RESUMO: O nosso objetivo nesse ensaio é o de discutir o conceito de enunciação para os estudos linguísticos e refletir sobre como esse conceito pode ser relacionado à interação humana na web. Para isso, realizamos uma incursão teórica sobre a categoria da enunciação nos estudos linguísticos desde a teoria enunciativo-discursiva de Mikhail Bakhtin (2006 [1929]; 1997 [1953]), passando pelo Estruturalismo de Benveniste (1995 [1966]) e Ducrot (1987 [1984]), pelo viés discursivo de Foucault (2008 [1969]) e Maingueneau (2001), até chegar aos estudos de semiótica social de Kress; Van Leeuwen (1996) e Kress (2010) para, com base neles, examinarmos o suposto conceito de enunciação digital. Segundo a nossa análise, não é possível sustentar a noção de que, com o hipertexto, a humanidade chegou a um novo modo de enunciar, chamado de enunciação digital.

Palavras-chave: Enunciação; hipertexto; web.

* Professor no Programa de Pós-Graduação em Linguística, da UFC.

** Docente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da UFC.

Considerações iniciais

O conceito de enunciação é tributário das reflexões filosóficas, mas, como mostram Charaudeau e Maingueneau (2008), essa noção também passou a despertar o interesse da Linguística, fato que tornou tal categoria produtiva no interior das muitas abordagens que compõem os estudos da linguagem. Desde Saussure, a problemática da definição de enunciação e de enunciado¹ vem aparecendo em muitos ramos dos estudos linguísticos, dentre eles a Linguística de Texto, a Pragmática e a Análise do Discurso.

Com a chegada da web, parece razoável compreendermos a revolução que a internet provocou na comunicação humana como uma oportunidade de estudarmos não apenas os “novos gêneros” que surgem para dar conta das necessidades enunciativas que emergem desse espaço heterogêneo de práticas discursivas, como também entendermos como os sujeitos põem em cena os seus projetos de dizer, considerando as especificidades do lugar virtual de onde falam/enunciam.

A partir dessas considerações, no presente trabalho, nossa suposição de trabalho insta que reflitamos sobre as ressignificações pelas quais tem passado a categoria de enunciação em virtude não apenas das diversas abordagens da linguística do texto e do discurso, como também em função dos possíveis “impactos” das novas tecnologias digitais na interação humana.

1 A unidade real da comunicação verbal

Mikhail Bakhtin (2006) está entre os primeiros teóricos que buscaram um entendimento sobre o termo enunciação na medida em que ele se preocupava com o uso efetivo da língua, o que já nos remete a pensar enunciação como um fenômeno que sinaliza para o estudo da língua em movimento. Para esse autor, a língua se efetiva em forma de enunciados “que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana²” (BAKHTIN, 1997, p.279). A importância de estudar o enunciado numa perspectiva bakhtiniana se dá porque é possível estabelecer relação entre esse conceito e a problemática dos gêneros do discurso. Para o filósofo da linguagem,

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no *todo* do enunciado (BAKHTIN, 1997, p.27).

Cada enunciado, então, imerso em determinada esfera da comunicação humana, é um gênero. Bakhtin (1997), nessa obra, dedica um capítulo ao estudo do enunciado para defendê-lo como a “unidade da comunicação verbal”, já que a existência da interação humana está condicionada a um gênero discursivo. Em função disso, o autor é categórico ao afirmar que “a

¹ Enunciado, nessa perspectiva, equivalia à fala.

² Bakhtin entende a noção de esfera de comunicação, como um lugar de interação humana. Nesse lugar de interação, há espaços próprios para as práticas discursivas, dependendo de suas funções e de seus propósitos, as quais propiciarão o surgimento de diversos gêneros por pura necessidade de comunicação.

fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala” (BAKHTIN, 1997, p. 293). Isso quer dizer que o enunciado sempre fará parte de um discurso moldado pelo sujeito. Daí o fato de os enunciados, por serem unidades de comunicação verbal, terem sempre uma estrutura que lhe é típica, mas nem sempre com fronteiras bem delimitadas, caso pensemos aqui no fenômeno das mesclas de gêneros.

Na “Estética da Criação Verbal”, portanto, Bakhtin vê o enunciado como a manifestação empírica da enunciação, pois se permite flagrar pelos gêneros do discurso, enquanto a enunciação é considerada a realidade fundamental da linguagem. Isso implica dizer que, como membro ativo das esferas de comunicação humana, o sujeito bakhtiniano enuncia a partir dos gêneros que usa para se comunicar com os seus interlocutores. Estes se constituem também como sujeitos empíricos e não como ecos do primeiro, porque é investido de responsividade.

Portanto, enunciação e enunciado não se definem, unicamente, pela forma linguística, mas também pelas práticas interativas que se instauram no interior das esferas de comunicação humana e, por isso mesmo, são situadas cultural e historicamente. Mesmo assim, à época dos escritos de Bakhtin, ainda predominavam os estudos estruturalistas. Benveniste (1989; 1995) se vale dessa orientação epistemológica para dar outro ponto de vista à enunciação.

2 Benveniste e a Teoria da Enunciação

A afirmação de que Benveniste (1989) concebe enunciação dentro dos limites da língua já se tornou um truísmo entre os linguistas, o que não significa que tal questão tenha se esgotado. Por esta razão, tencionamos revisitar brevemente a abordagem desse autor.

A grande diferença entre Benveniste e Saussure reside no fato de que, para o primeiro autor, o sentido não se reduz somente ao domínio semiótico, como defendia o segundo, mas também ao domínio semântico, embora este se nutra daquele. Tal questão desloca a noção de língua para uma nova discussão, pois, para Benveniste, há na própria língua índices que preveem o funcionamento da linguagem, o que transpõe o conceito para uma outra perspectiva, isto é, para a enunciação.

Para dizermos com Benveniste que a enunciação é uma apropriação individual da língua, julgamos relevante considerar dois aspectos que subjazem a esta afirmação: em primeiro lugar, se há uma apropriação individual da língua, significa que tal atividade pressupõe a existência de um sujeito. Naturalmente, este sujeito não existe sozinho. O fato de ele existir pressupõe o estabelecimento da alteridade, portanto há aí um outro, ou, para usar os termos benvenistianos, um *tu*. Isto ocorre porque “a linguagem é para o homem [...] o único meio de atingir o outro homem [...] a linguagem exige e pressupõe o outro” (BENVENISTE, 1989, p. 93).

Em segundo lugar, se há uma apropriação individual da língua é porque o sistema prevê índices que corroborem a existência de um sujeito que se presentifica em marcas indicadoras da subjetividade na estrutura linguística. Dito de outra maneira, para que a língua seja posta em funcionamento, faz-se necessário a existência de um *eu* que reclama um *tu*. Assim, é a atividade de ambos que parece deflagrar o processo de funcionamento da linguagem, isto é, a enunciação.

Entre os aspectos acima considerados, o segundo permite que não se caia na ingenuidade de pensar que a concepção estruturalista de língua tenha sido abandonada por Benveniste em detrimento da perspectiva enunciativa. Na verdade, a existência da enunciação, de acordo como a concebe Benveniste, condiciona-se a um apropriar-se da língua. Tal atividade é protagonizada por um sujeito que se serve da estrutura para gerar o funcionamento da linguagem. Deste modo, não seria pueril afirmar que Benveniste defende que o sistema, em si, admite o funcionamento e, conseqüentemente, a existência da subjetividade, o que nos leva a concluir que não se pode expurgá-la da língua porque aquela está inscrita nesta. Este posicionamento influenciou o linguista francês Oswald Ducrot a elaborar uma teoria para o estudo da argumentação na língua.

3 A TAL e a enunciação

A Teoria da Argumentação da Linguagem (TAL) tem como objetivo mostrar que a língua tem alusões à atividade de fala. Ela busca descrever o sentido dos enunciados, pois eles são interpretados mediante a sua descrição semântica. Assim, Ducrot (1987, p. 163) abona um tratamento linguístico do termo enunciação na medida em que, no interior do que ele denomina de “pragmática linguística”, a enunciação passa a ser focalizada a partir das diversas perspectivas e dos vários pontos de vista que subjazem ao enunciado, o que implica falar em polifonia. Deste modo, o conceito de enunciação que este autor defende parece se circunscrever aos limites do enunciado, uma vez que relaciona a enunciação com “o [simples] fato de que um enunciado aparece” (DUCROT, 1987, p. 169). Desta maneira, o autor advoga que é possível assinalar, no interior de um enunciado, a presença de vozes, as quais apontam para uma fragmentação do sujeito, agora transformado em figuras discursivas que atuam em uma cena.

A enunciação polifônica, da maneira como a concebe Ducrot, permite que se busquem índices discursivos das vozes que formam o enunciado, quais sejam a pressuposição, a negação, a ironia, o discurso indireto livre, o uso das aspas, etc. Estes índices mostram-se na movimentação de determinados personagens, designados como locutores e enunciadore, os quais se manifestam em diferentes graus ou níveis.

Em suma, a análise da TAL consiste na relação entre o enunciado e o discurso. A proposta é mostrar que a argumentação é inerente à língua, independentemente de situações contextuais e aspectos ideológicos, longe das propostas de Bakhtin, por exemplo. No que tange ao conceito de enunciado, Ducrot (1987) o opunha à frase, esta uma “entidade linguística abstrata” que poderia ter diversas ocorrências e ser idêntica. O enunciado, para ele, era “a ocorrência particular, a realização *hic et nunc* da frase”. É por isso que foi denominado “significação” à semântica da frase e “sentido” à do enunciado.

Talvez a maior contribuição de Ducrot tenha sido a Teoria Polifônica da Enunciação: é aqui que o autor se distancia da perspectiva de Benveniste: enquanto este caracteriza um sujeito-enunciador único responsável pelo ato de enunciar, aquele mostra que é possível trazer no mínimo dois pontos de vista num mesmo enunciado. Assim, em Ducrot, o discurso é entendido como o resultado de uma sequência de enunciados, cuja manifestação empírica se traduz naquilo que é observável e, por isso mesmo, analisável pelo linguista, restringindo-se então àquilo que é registrado pela língua. É um posicionamento que diverge das noções de discurso habitadas nos escritos de Foucault.

4 O enunciado foucaultiano

Foucault (2008, p. 98) define o enunciado como

uma função de existência que pertence, significativamente, aos signos, e a partir do qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).

Como podemos constatar, para o autor, o enunciado é, na verdade, uma função enunciativa, ou seja, o que realmente interessa são as condições de exercício dessa função em contraponto com os sistemas de restrição que a condicionam. Por isso, o autor não se preocupa em definir formalmente o enunciado, diferenciando-o de definições pré-existentes e de caráter formal, tais como a frase (de base gramatical), a proposição (de base lógica) e ato de fala (de base pragmática). Vê-se, então, que é impossível definir o enunciado pelas mesmas características gramaticais de uma frase. O enunciado precisa ter “uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade” (FOUCAULT, 2008, p. 114) e se ele muda de identidade, não se fala do mesmo enunciado.

É à luz desse tipo de questionamento que o autor chega ao termo *enunciação*: “A enunciação é um acontecimento que não se repete: tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir.” (FOUCAULT, 2008, p. 114). Assim, **enunciação** encontra-se no nível do discurso, sendo, portanto, única, situada num dado contexto sócio-histórico e ideológico, enquanto **enunciado** encontra-se no nível da língua, isto é, na memória discursiva, sendo atualizado somente através da enunciação. Isso significa que o enunciado se submete à ordem do acontecimento, a qual permite que o repetível se reformule, atualizando-se sob novas condições enunciativas. Estes estudos jogaram luzes à AD de linha francesa nos anos oitenta.

5 Enunciado e enunciação na AD

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008), a AD não encontra numa explicação linguística de enunciação elementos suficientes para atender a todas as peculiaridades e nuances do que se toma por enunciação. Talvez por isso, em outro trabalho, Maingueneau (2001, p. 20) diga que

todo ato de enunciação é fundamentalmente **assimétrico**: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciadador [negrito do autor].

Isso quer dizer que, nessa perspectiva, é inviável desvincular a enunciação de contexto e de sentido. Fora de uma determinada situação de enunciação, que acontece num tempo e local específicos, ou seja, onde convergem indicativos contextuais, mobilização de diversos

saberes dos participantes da enunciação, conhecimento prévio e partilhado dos mesmos, é impossível se falar de sentido, mas, no máximo, de uma sequência verbal qualquer.

Maingueneau (2001) dá grande importância ao estatuto pragmático de qualquer enunciado: é necessário que este mostre, por meio da enunciação, o seu valor, de forma que o destinatário a quem o enunciado se dirige tenha um comportamento pertinente em relação ao enunciado.

Não podemos atestar que essa maneira de Maingueneau (2001) se referir ao texto se aproxima da definição de frase de Ducrot (cf. tópico 4), pois, para o primeiro, o enunciado está além da frase. Diante disso, sem termos a pretensão de definir texto na perspectiva da AD, parecer ser razoável inferir que, em AD, é possível opor enunciado “com valor de frase inscrita em um contexto particular” a texto, “quando se tratar de unidades verbais pertencentes a um gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2001, p. 57).

6 O modo de enunciar digital

A partir do século XX, as formas de comunicação são reelaboradas e recriadas a partir da ebulição causada por tecnologias digitais, como o computador, os *tablets* e os *smartphones*. Com base neste fato, há 10 anos, Xavier (2002) propôs o conceito de enunciação digital para se referir ao hipertexto digital, ele mesmo ainda um conceito em construção no panorama dos estudos da linguagem. Para Xavier (2002, p. 97), os modos de enunciação são “as formas de expressão, comunicação e interação desenvolvidas e aperfeiçoadas pelos homens ao longo da história, para se relacionar comunicativamente com os outros e com o mundo.” Esses modos só são realizados por meio de tecnologias enunciativas diversas, que exigem um certo treinamento e a aquisição de habilidades para que elas viabilizem o uso efetivo dos modos de enunciar. Segundo esse autor, existem, pelo menos, quatro modos de enunciar: o verbal, o visual, o auditivo e o digital, este viabilizado pela tecnologia enunciativa, que é o hipertexto.

O modo de enunciação digital alicerça-se basicamente na possibilidade de, pela integração das várias mídias (verbo-auditivo-visual), promover uma abordagem mais envolvente do leitor com o hipertexto, fazendo-o experimentar a sensação de imersão total no suporte de leitura, pela participação ativa no processo de leitura, ao acionar os dispositivos eletrônicos e interativos (hiperlinks) inerentes àquela superfície digital (XAVIER, 2002, p. 105).

O argumento do autor gira em torno do fato de somente em um computador ligado à internet ser possível para o hiperleitor congregar todas as semioses possíveis, mixá-las e construir sentido diante deste efeito. “O hipertexto ‘mixa’ os modos de enunciação sem que um tenha supremacia sobre quaisquer outros.” (XAVIER, 2002, p. 135), ou seja, é na tela a única razão de existência do hipertexto e do modo de enunciar digital.

No entanto, à luz da perspectiva da semiótica social e da linguística sistêmico-funcional, a abordagem da multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996), na verdade, já trazia os mesmos parâmetros para explicar o que ocorre com textos multimodais atualizados em um computador conectado à internet. Sendo assim, o que Xavier chama de “modo de enunciação”, os autores da semiótica social designam *modo semiótico*, ou um “recurso semiótico socialmente formatado e culturalmente dado para a produção de significado” (KRESS, 2010, p. 79). À luz da multimodalidade, portanto, os modos são as

diferentes maneiras pelas quais o ser humano pode representar suas experiências, codificar e compartilhar significados.

Assim, ao postular a equação **TEXTO + IMAGEM + SOM = HIPERTEXTO** ⇒ **MODO DE ENUNCIÇÃO DIGITAL**, Xavier não demonstrou uma nova forma de enunciar no mundo, circunscrita apenas à tela de um computador conectado à internet e tampouco um fenômeno de linguagem que pudesse ser chamado de enunciação digital que dialogasse minimamente com as teorias linguísticas da enunciação, como as que resenhamos acima. Com efeito, o mérito do trabalho de Xavier (2002), para além do pioneirismo, está na percepção de que a condição digital do hipertexto permite sim distintos entrelaçamentos semióticos, mas esse fenômeno não é algo tipicamente das práticas textuais na internet e, por isso, pode ser analisado em outras práticas de linguagem fora da internet à luz da perspectiva analítica multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996; KRESS, 2010) e de seus desdobramentos (LEMKE, 2002).

Os modos de construir significados em textos multimodais nos remetem ao que Maingueneau (2001) designa mutações sociais advindas de mudanças midiológicas. Para ele, os aparatos midiáticos são responsáveis pela manifestação material dos discursos e que, por esta razão, os analistas precisam estar atentos ao comando dos usos que a *mídia* imprime no discurso. Nesse sentido, os usos das mídias, especialmente as audiovisuais e as que advêm do desenvolvimento da informática alteram sensivelmente a maneira pela qual se produz e se recebe o discurso. Nesse sentido, julgamos que o hipertexto digital pode ser uma boa oportunidade para estudarmos as formações e as práticas discursivas que se realizam na web, uma vez que “o modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso. Muitas mutações sociais se manifestam através de um simples deslocamento midiológico” (MAINGUENEAU, 2001, p. 72).

As tecnologias digitais auxiliaram e mudaram em algum nível o modo de se relacionar com o mundo, mas não necessariamente houve uma forma inaugural de enunciar. Embora exista a hipótese de que as mudanças ocorrem muito mais no campo cognitivo do que no campo das relações sociais, ela ainda não foi comprovada empiricamente. Por outro lado, existem pesquisas mostrando mais semelhanças e menos diferenças no que diz respeito ao processamento e à navegação em hipertextos digitais e impressos (RIBEIRO, 2008; GUALBERTO, 2008). É fato existirem formas diferenciadas – e mais fáceis – de se relacionarem com o mundo por meio da internet, mas não sabemos em que nível isso se encontra e exatamente que habilidades cognitivas diferentes daquelas já conhecidas pela ciência linguística são necessárias para o processamento e a produção de textos multimodais digitais. O que está em curso é um fenômeno curioso, chamado por Jenkins (2006) de convergências. Ao convergirem as mídias e os gêneros para uma mesma tecnologia, como a internet, é natural que, como bem pondera Snyder (2009), o “mundo on-line” esteja cada vez mais conectado ao “mundo off-line” e vice-versa. Vamos discutir sobre como isso ocorre.

7 Dos modos semióticos da internet

A história cultural nos mostra que uma tecnologia nova simplesmente não surge do nada ou suprime uma tecnologia velha, por exemplo. Há um aperfeiçoamento gradativo daquela, não banindo, de imediato, esta. Para Eco (1996, p. 298), que, de um certo modo se antecipa à discussão sobre convergência de mídias, “se for verdade que hoje a comunicação

visual se sobrepõe à comunicação escrita, o problema não é opor uma a outra; a questão é o que se pode fazer para aperfeiçoar ambas”.

O que nos atrai na proposta de Eco, portanto, é o fato de ele questionar o predomínio da imagem nas novas tecnologias e propor a escrita verbal como semiose a prevalecer na internet. Vejamos como essa crítica não resiste à paisagem empírica em que se situa o hipertexto na web, cuja condição digital aponta para uma de suas características: a multissemiose. Analisemos a figura a seguir:



Figura 1: Exemplo de um hipertexto digital. Fonte: www.g1.com.br

No exemplo de hipertexto digital acima, a combinação sintática entre os vários recursos multimodais constitutivos do hipertexto digital conspira em favor da construção dos sentidos compartilhados por quem o acessa. É possível mostrar como funcionam, combinadamente, dois fenômenos co-ocorrentes. De um lado, vemos a mistura de modos semióticos distintos e de outro é plausível a manifestação concreta da convergência de mídias (JENKINS, 2006), um dos elementos mais presentes no meio digital. Examinemos a figura para entendermos melhor a condição digital desse hipertexto.

Em 1, temos o recurso da modalidade verbal que, por se manifestar em diferentes tipos de cores, tamanhos e formatação de fontes, já se licencia como multimodal; em 2, flagramos uma figura compondo uma reportagem de um fato ocorrido na cidade de São Paulo. Ressaltamos, no entanto, que isso não é próprio do hipertexto, pois há traços da primeira página de um jornal, pelo menos do ponto de vista formal. O arranjo de sintaxe visual que percebemos nessa figura traduz uma estratégia de agenciar as semioses verbais e imagéticas para facilitar a construção do sentido pelo leitor desse hipertexto; em 3, há o destaque para um banner com um anúncio de assinatura de TV a cabo. Na condição online, é uma imagem em movimento, que muda para outros anúncios, típico do que acontece nos intervalos de programas televisivos ou daqueles outdoors animados que encontramos nas grandes cidades. As imagens em movimento no referido banner, portanto, tornam dinâmica a página de abertura do site em análise e, do ponto de vista da multimodalidade, visualmente informativa. Em 4, por fim, temos um vídeo que mostra o término de um sequestro na cidade paulista de Santo André. O vídeo pode ser acionado por qualquer internauta com um clique sobre a imagem, o que permitirá ver e ouvir, tal como acontece na televisão, todo o acontecimento narrado no texto 1.

Reunidos em um único exemplo de hipertexto digital estão três recursos multimodais que foram, habilmente, distribuídos pela página, como pistas importantes para construção do sentido. Na verdade, esse aspecto aponta para o fenômeno da convergência na medida em que

a homepage imita o jornal ou o último imita o primeiro. Ambos os hipertextos reúnem características multimodais, contudo, as presenças de um vídeo e de um banner exibindo imagens em movimento trazem um componente semiótico novo, distanciando, formalmente, os dois hipertextos, uma vez que no jornal impresso não é possível a presença de vídeos ou de banners que ostentem imagens em movimento.

Novos letramentos são demandados do internauta para que a sua navegação por um hipertexto como o analisado aqui se transforme também em uma leitura produtiva. A boa compreensão da leitura, portanto, passa pelo domínio do letramento visual, pois navegar lendo as informações de textos com imagens, como é o caso de uma homepage, aponta para o desenvolvimento de desenvolvimentos para compreender-lhe a sintaxe visual que lhe subjaz (DONDIS, 1997). Observemos que, no exemplo que estamos explorando, figuras, vídeos, textos escritos, recursos sonoros etc. são combinados de forma bastante complexa para produzir significado. Isso tudo é possibilitado por novas mídias que interagem com mídias mais antigas. Bolter e Grusin (1999) tentam esclarecer essa realidade com a teoria da remediação, que é exatamente o processo de reformulação por que passam essas mídias. Snyder (2010) discute a questão ao falar dos novos letramentos:

Quando acessamos notícias, conteúdo educacional e programas de entretenimento em um mesmo meio, ainda que a partir de fontes distintas, há uma diluição das distinções entre os contextos em que cada um desses elementos se originou. De acordo com os autores [Bolter e Grusin], as novas práticas de letramento associadas ao uso de novas tecnologias não representam uma ruptura com o passado: antigas e novas práticas interagem de maneiras muito mais complexas, produzindo práticas híbridas, e não totalmente novas. (SNYDER, 2010, p. 275).

Na mesma direção de Snyder (2010), seguimos com a compreensão de que não existe um novo modo de enunciar, inaugurado pelo hipertexto digital. Não entendemos o hipertexto como uma força que explode um dique que estava represando velhas enunciações, como se, ao romper, inundasse a cognição humana de novidades nunca dantes existentes. O digital não rompe com o impresso, mas a ele se conecta e, tal como uma relação simbiótica, o impresso se conecta ao digital, por vezes, imitando-o. O inverso também é genuíno e, por isso, compõe a paisagem empírica dessas questões. Portanto, à luz da análise como a que estamos esboçando neste ensaio, julgamos razoável sugerir que as mudanças e a convergência de mídias nos possibilitam combinar novos e antigos letramentos, que se conectam para satisfazer as nossas necessidades enunciativas. Dito de outro modo, o hipertexto não trouxe uma ruptura nos modos de construir sentidos, mas consegue conectá-los, graças ao poder de fazer convergir para si mídias que, antes, operavam separadas.

Na figura em análise o leitor precisará apenas escolher a que dará atenção primeiro: ler uma matéria por meio da modalidade escrita da língua (1); assistir ao vídeo e construir sentido por meio do modo audiovisual (4) ou atentar para um anúncio de pay-per-view, também por meio do modo audiovisual (3). Não parece ser possível dar atenção aos três gêneros (notícia, reportagem televisiva e anúncio) ao mesmo tempo, embora a natureza do ambiente digital gere essa falsa sensação ao leitor que navega. A limitação, no caso, não é tecnológica, mas humana.

Não obstante o posicionamento teórico assumido neste ensaio, não negamos a possibilidade da sistematização de pesquisas que, ao reunir dados empíricos resultados de testes bem controlados, possam, com um mínimo de consistência teórico-metodológica, confirmar a tese de que ler na tela é uma atividade, do ponto de vista cognitivo, mais

complexa e de que ser sujeito de linguagem na web significa pôr em cena um novo modo de enunciar.

Considerações (semi) finais

Neste ensaio, tencionamos recortar para um exercício de análise o que seria o ato de enunciar por meio de hipertextos. Estaríamos diante de um novo modo de enunciar introduzido pelos hipertextos digitais ou estaríamos aprendendo a combinar velhas práticas em novos ambientes? Para examinar essas questões, encetamos traçar um possível percurso teórico pelo qual passou o termo enunciação na ciência linguística, levantando os posicionamentos sobre o assunto desde uma perspectiva estruturalista, ainda arraigada nos mecanismos inerentemente linguísticos, passando pelo que extrapolam os limites do texto, incidindo pelo discurso e, finalmente, chegando à perspectiva da semiótica social.

Sendo assim, podemos indagar: dentre as elencadas por nós, com qual das teorias da enunciação a tese de que o hipertexto é um modo digital de enunciar dialoga? Consideramos que, seja nos hipertextos digitais, seja nos hipertextos impressos, sempre haverá um *eu* benvenisteano despertando a língua e pondo-a na dinâmica enunciativa das trocas com um *tu*. Se for essa a opção de análise de hipertextos digitais, estamos diante de enunciações antigas e não de novas.

Independentemente do suporte ou do gênero, caso a alternativa teórica do analista seja pela semântica argumentativa de Ducrot, também será possível analisar nos hipertextos os papéis que os enunciadores e locutores ducroteanos desempenham nas formas de polifonia previstas por essa vertente da teoria da enunciação. Também, neste caso, não estaríamos diante de um novo modo de enunciar, já que a polifonia não é um fenômeno novo.

Se a enunciação é um acontecimento que não se repete, segundo diz Foucault, como sustentar a tese de que todas as vezes em que navegamos por hipertextos digitais estamos fazendo uma enunciação digital, se as enunciações são múltiplas porque são múltiplos os letramentos que elas demandam?

Se, finalmente, a análise se direcionar para heterogeneidade semiótica dos hipertextos, procurando analisar a intersemiose como recursos que mobilizam pistas para a construção do sentido, estaremos fazendo uma análise multimodal ou, caso preferamos uma vertente defendida por Lemke (2002), uma análise hipermodal dos textos digitais. Contudo, não seria apropriado imputar aos recursos multimodais de se que compõem os hipertextos da web a definição de um novo modo de enunciar, pois a enunciação não se assenta em bases técnicas, mas linguísticas, culturais e históricas.

Em função da argumentação que apresentamos, a nossa conclusão, portanto, é a de que não é possível falar em um modo digital de enunciar, mas de múltiplas enunciações que se consubstanciam pelo e no caráter multifacetado da velha textualidade que se traveste de novidades técnicas em ambientes digitais. Por isso, se o hipertexto digital não é ruptura, mas linkagem, conforme defendemos ao longo de nosso trabalho, ratificamos a tese de que, das teorias linguísticas, passando pelas proposições discursivas e chegando às abordagens multimodais, os usos que fazemos dos hipertextos na web, e não eles em si, permitem que falemos não em um modo digital de enunciar, mas em enunciações plurais.

ABSTRACT: Our aim in this essay is to discuss the concept of enunciation for language studies and reflect about how this concept can be related to human interaction on the web. For this, we conducted a raid on the

enunciation category in linguistics studies since enunciative-discursive theory of Mikhail Bakhtin (1997 [1953]; 2006 [1929]) through for Benveniste Structuralism (1995 [1966]) and Ducrot (1987 [1984]), the discursive bias of Foucault (2008 [1969]) and Maingueneau (2001), until social semiotics studies of Kress; Van Leeuwen (1996) and Kress (2010), for, based on them, we examine the supposed concept of digital enunciation. According to our analysis, we can not sustain the notion that, with the hypertext, humanity has reached a new way to state, called a digital statement.

Key words: Enunciation; hipertext; web.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1953].
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995 [1966].
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989 [1966].
- BOLTER, J.D.; GRUSIN, R. *Remediation: Understanding new media*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1999.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- DONDIS, D. *Sintaxe da linguagem visual*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987 [1984].
- ECO, H. *From internet to Gutenberg*. 1996. Disponível em: <www.italynet.com/columbia/internet.htm>. Acesso em 26 jan. 2006.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969].
- GUALBERTO, I. M. T. *A influência dos hiperlinks na leitura de hipertexto enciclopédico digital*. 2008. 202 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- JENKINS, H. *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press, 2006.
- KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2 ed. London; New York: Longman, 1996.

LEMKE, J. L. *Travels in hipermodality*. London, Thousand Oaks, CA, New Delhi: SAGE Publications, v.1, 2002, p. 299-325

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, A. E. *Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais*. 2008. 243 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SNYDER, I. Ame-os ou deixe-os: navegando no panorama de letramentos em tempos digitais. In: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (Org.). *Letramentos na web: gêneros, interação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 23-46.

_____. I. Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p.255-282, dez. 2010.

XAVIER, A. C. *O Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 2002.

Data de envio: 25/04/2012

Data de aprovação: 07/12/2012

Data de publicação: 06/02/2013